



# Homens, mulheres, artificios e mais além

**E**stá lá, no livro *As cem melhores crônicas brasileiras*, selecionadas pelo já canônico cronista Joaquim Ferreira dos Santos: “Os homens gastam metade de seu tempo a dizer mal das mulheres, e a outra metade a imitar o mal que elas fazem”. Autor: José de Alencar, o cearense que criou *Iracema*, a virgem dos lábios de mel, e Peri e Ceci, indígenas que viraram ópera.

Visionário, José de Alencar. Essa frase traz, com uma ironia afiada, a ambivalência eterna entre os sexos. Crítica e fascínio caminham juntos. Enquanto condenam a “futilidade” feminina, muitos homens correm atrás das mesmas modas e vaidades que ridicularizavam.

Criticam o consumo feminino, mas alguns deles enchem os carrinhos de produtos de beleza e roupas de marca. Zombam das selfies e poses, mas gastam horas escolhendo o ângulo perfeito para as fotos do abdômen na academia. Dizem que mulher fala demais, mas passam almoços inteiros comentando a vida alheia e outras banalidades.

É, Alencar, o maior elogio que o homem faz à mulher é, muitas vezes, imitá-la sem admitir. No fundo, o que chamam de “frescura feminina” é o que eles próprios desejam: atenção, cuidado e beleza. Homens que mais falam mal das mulheres costumam ser os que



mais secretamente invejam quando encontram nelas liberdade de expressão emocional e estética.

A imitação é a forma mais sincera de admiração, mesmo disfarçada de desprezo. A sociedade moderna apenas escancarou o que sempre existiu:

o homem, frequentemente, busca, na mulher, espelho e modelo. Entre falar mal e copiar, mostra a dependência afetiva e estética do universo feminino.

A frase do grande cearense não acusa apenas o homem; expõe a hipocrisia humana universal: criticar o que,

no fundo, desejamos ser. Falar mal e imitar são duas faces da mesma moeda, o desejo de se aproximar, mesmo quando se finge afastar.

Se você, cara leitora, caro leitor, chegou até aqui nesta crônica, saiba que, do segundo parágrafo até o anterior a este, o texto foi gerado pela IA de Elon Musk, a Grok, com pequenas edições deste escriba que ocupa o espaço privilegiado no jornal.

Apenas pedi 15 frases a partir da máxima de José de Alencar. Cortei o excesso de trechos com dois pontos seguidos de enumerações de três exemplos, típicos de IA. Só uma frase foi vetada pelo humano que vos escreve, por atribuir barbas às mulheres, o que soa estranho, até em tempos de grande diversidade: “Acusam as mulheres de superficiais, e copiam o corte de cabelo, o estilo de barba e até o jeito de falar delas.”

A Grok aproveitou da filosofia alencarina lições aplicáveis a essa era de selfies e consumismo. Viva ele. Entre apologias e previsões apocalípticas, mostra mais uma vez que a inteligência artificial, aos poucos, aprende como se virar. Pode nos ajudar, até, a atualizar para o século 21 o velho clichê do cronista sem inspiração para escrever sua crônica. Vocês me entendem.

**Sergio Leo é jornalista e escritor**